

# *Caminhos e descaminhos em busca do lugar do autor e do leitor: um olhar intertextual sobre a peça Pigmaleão*

*Ways and non-ways in search of the author's and the reader's places: an intertextual view of the play Pygmalion*

Elane Kreile Manhães\*  
Analice de Oliveira Martins\*\*

Com um olhar mais atento sobre a peça Pigmaleão, de Bernard Shaw, este trabalho propôs uma análise do conceito de autoria e da participação do leitor nos processos de ressignificação da obra. De um lado, o autor deixa de ser a entidade soberana na tentativa de explicação da obra como fruto da interação de culturas e leituras que compõem sua formação. De outro lado, o texto escolhido como objeto de estudo deste trabalho mostrou que a obra implica uma abertura a diversas alternativas de atualizações por parte do leitor; não sendo, pois, a detentora exclusiva de suas significações.

*With a closer look at the play Pygmalion by Bernard Shaw, this paper proposes an analysis of the concept of authorship and participation of the reader in the processes of resignification of the work. On one hand, the author is no longer the only entity in the attempt of finding an explanation for the work as the result of the interaction of cultures and readings which make up their development. On the other hand, the text chosen as study object of this project shows that texts involve openness to a variety of update alternatives by the reader, not being, therefore, the exclusive owner of its meanings.*

Palavras-chave: Pigmaleão. Leitor. Autoria.

Keywords: Pygmalion. Reader. Authorship.

## *Apresentação e delimitação do tema*

Muitas mudanças têm sido presenciadas, desde a última década do século XX, nas relações entre autor, leitor e texto. A obra a ser lida se encontra na forma de uma estrutura porosa e permeável e o leitor vai ser visto como a peça fundamental para complementar os espaços deixados pelo texto, tornando-se, pois, um sujeito ativo no processo de interpretação ou de atualização do texto.

Quando o leitor lança seu olhar sobre um texto, esse olhar já deve conter sua parcela de conhecimento e informação, pois, sem essa parcela, a obra pode-se tornar inalcançável. A atividade leitora é como um ritual que se vai repetindo na medida em que o leitor vai automaticamente acionando experiências de leituras já realizadas

\* Professora do Instituto Federal Fluminense e mestranda em Cognição e Linguagem pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (Uenf), Campos dos Goytacazes, RJ, Brasil. E-mail: ekreilem@gmail.com.

\*\* Doutora em Estudos de Literatura pela PUC-RIO. Professora dos programas de pós-graduação lato sensu "Literatura, memória cultural e sociedade" do Instituto Federal Fluminense câmpus Campos-Centro e stricto sensu "Cognição e Linguagem" da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (Uenf), Campos dos Goytacazes, RJ, Brasil. E-mail: analice.martins@terra.com.br.

para confirmar ou rejeitar as novas concepções propostas por um determinado texto e vai atualizando seu arquivo pessoal, que contará agora com outras informações que poderão servir de apoio para suas futuras leituras. O autor já não é mais concebido como uma entidade única, marcada, concreta, ou como um ser reinante na tentativa de se encontrar explicação para a obra. Pelo contrário, ele é fruto da interação de leituras e de ideologias múltiplas que o compõem no processo de sua formação:

Assim se revela o ser total da escrita: um texto é feito de escritas múltiplas, saídas de várias culturas e que entram umas com as outras em diálogo, em paródia, em contestação; mas há um lugar em que essa multiplicidade se reúne, e esse lugar não é o autor, como se tem dito até aqui, é o leitor: o leitor é o espaço exato em que se inscrevem, sem que nenhuma se perca, todas as citações de que uma escrita é feita; a unidade de um texto não está na sua origem, mas no seu destino, mas esse destino já não pode ser pessoal: o leitor é um homem sem história, sem biografia, sem psicologia; é apenas esse *alguém* que tem reunidos num mesmo campo todos os traços que constituem o escrito. (BARTHES, 2004, p. 64)

Este trabalho partirá, então, dessas considerações a respeito do paradigma *autor x leitor* para fazer uma análise da peça *Pigmaleão*, de Bernard Shaw, com um olhar sobre as questões de propriedade autoral e de participação ativa do leitor no processo de ressignificações concedidas à obra.

*Pigmaleão* (em inglês, *Pygmalion*, 1912) conta a história de Eliza, uma florista detentora de um sotaque *cockney* (variedade linguística característica das classes sociais das periferias de Londres) que estava vendendo flores na rua quando conhece Higgins, um professor de fonética que estava transcrevendo foneticamente suas falas e as de outras pessoas. Nessa ocasião, Higgins diz ao Coronel Pickering, um filólogo, que pode ensinar Eliza a passar por uma duquesa numa recepção de qualquer embaixada e abandonar o modo de falar concebido como rude e ignorante pela sociedade.

Na manhã seguinte à aposta, Eliza vai ao laboratório de Higgins e lhe pede aulas para melhorar seu jeito de falar de modo que ela possa se expressar adequadamente para trabalhar em uma loja de flores. Higgins, seduzido pela ideia de realizar essa mágica, faz uma aposta com Pickering, dizendo que fará Eliza se passar por uma grande dama em seis meses.

Por alguns meses, Higgins ensina Eliza a falar e a se comportar segundo as normas da alta sociedade. Após uma primeira tentativa frustrada na casa da mãe de Higgins, uma segunda tentativa é feita em um baile da embaixada, no qual Eliza se torna um grande sucesso e chega a ser confundida com uma estrangeira por falar um inglês tão perfeito.

A peça levanta algumas questões relacionadas à sociedade, como o caráter e o comportamento de pessoas de classes diferentes, além de mostrar a linguagem como um aspecto distintivo dessas classes. Dessa forma, este trabalho pretende fazer considerações a

respeito dos conteúdos significativos trazidos pelo autor ao momento de escritura dessa obra e, além disso, tem a intenção de levantar questionamentos sobre a importância do leitor e sua contribuição para que a peça *Pigmaleão* seja ainda lida e interpretada em nossos dias.

### ***Shaw: o autor ou um autor?***

Foucault, em seu texto *O que é um autor?*, fala sobre o autor sob a ótica da relação entre ele e sua obra, ou seja, “da maneira com que o texto aponta para essa figura que lhe é exterior e anterior, pelo menos aparentemente” (FOUCAULT, 2009, p. 87). Ele observa que a escrita transpassa a superficialidade do texto e abre espaços para o seu exterior, fazendo com que aquele ser que escreve não pare de desaparecer, de tal modo que “a obra que tinha o dever de trazer a imortalidade recebeu agora o direito de matar, de ser assassina do seu autor” (ibid., p. 88).

Durante a análise de uma obra, percebem-se várias incursões por parte dos diferentes contextos que constituíram a pessoa do autor, fazendo surgir a problemática da relação entre invenção e fonte. Faz-se aqui, então, uma pergunta: como é possível dizer de quem é a voz que escreve? Essa voz pode ser atribuída à linguagem, e o autor, como um ser constituído socialmente, no momento em que assume a linguagem, nunca fala palavras que já não lhe foram ditas previamente, mesmo que de modo inconsciente.

Apontando para o objeto de estudo deste trabalho, a peça *Pigmaleão* traz em si uma série de questões que também nos fazem repensar o conceito de autoria. Em primeiro lugar, o próprio autor Bernard Shaw revelou, em seus escritos, que seria um *dickensiano* ou, em outras palavras, que teria feito empréstimos dos romances de Charles Dickens<sup>1</sup>. Em segundo lugar, mergulhando um pouco mais na obra *Pigmaleão*, observam-se possíveis conexões entre o personagem Alfred Doolittle e o personagem Noddy Boffin, da obra *Our mutual friend*<sup>2</sup>, de Charles Dickens, quando ambos, exercendo a profissão de lixeiro, são transformados em membros da alta sociedade por testamentos excêntricos.

Além disso, nota-se também um paralelo entre a cena de abertura de *Pigmaleão* e o segundo capítulo de *The Pickwick papers*<sup>3</sup>, de Charles Dickens. Em ambas as obras, há representantes cultos da classe social mais favorecida da Inglaterra dialogando com seus contrapontos e futuros objetos de estudos: em *Pigmaleão*, Eliza Doolittle (uma vendedora de flores) e, em *The Pickwick papers*, o condutor da charrete que leva o Sr. Pickwick, ambos representantes da classe social menos favorecida que imprimem essa característica em seu linguajar inculto.

<sup>1</sup> Charles Dickens (1812-1870): escritor inglês - contribuiu para que a crítica social fosse introduzida na literatura de ficção inglesa.

<sup>2</sup> *Our mutual friend* (escrito entre 1864 e 1865): último romance completo de Charles Dickens. Esse romance é pautado em valores humanos e nas consequências que o dinheiro pode trazer para a vida.

<sup>3</sup> *The Pickwick papers* (publicado em fascículos entre 1836 e 1837): narra as aventuras do grupo de estudos do Clube Pickwick, que viaja pela Inglaterra, observando descobertas científicas e analisando as variedades do comportamento humano.

Essas passagens do texto de Shaw que ilustram suas referências trazem à tona a questão da intertextualidade e fazem o leitor não só mergulhar mais profundamente no texto, mas também ultrapassar seus limites, deixando sua imaginação avançar e buscando complementar aquilo que ficou elíptico no texto. Kristeva (apud FAIRCLOUGH, 2006, p. 102) observa que “intertextualidade implica a inserção da história no texto e desse texto na história”. O termo “inserção do texto na história”, para ela, significa que “o texto responde, reacentua e retrabalha textos do passado e, ao fazer isso, ele ajuda a fazer história e contribui para processos mais amplos de mudança, assim como antecipa e tenta moldar textos subsequentes<sup>4</sup>”.

Esse posicionamento reitera a dimensão social da obra de Bernard Shaw, uma vez que ele também se assume como um dramaturgo realista e reconhece o tipo de teatro que defendia no trabalho de Henrik Ibsen<sup>5</sup>, defensor de um tipo de teatro que retira seu material dramático da própria arte da vida ou de documentos autênticos. Logo, Shaw assume uma posição radical contra as peças que se encontravam em Londres no final do século XIX e início do século XX, cujo propósito exclusivo era entreter inconsequentemente seus espectadores.

Como a obra *Pigmaleão* foi escrita em um contexto britânico de inúmeros conflitos, ela traz à tona críticas às classes sociais mais e menos privilegiadas, representadas respectivamente pelo Professor Higgins e por Eliza. Dessa forma, podem-se encontrar preocupações constantes com a refinação da conduta e do caráter daquele que assiste a essa obra. Shaw tenta aumentar o conhecimento de cada um sobre si mesmo e sobre o outro, ao mesmo tempo em que tenta suscitar em seu público uma intolerância à injustiça, à crueldade e à superficialidade intelectual. Sendo assim, Shaw inclui em suas obras temas como o socialismo e o feminismo; ideais que, sem dúvida, constituíram a pessoa do autor.

A dimensão intertextual do texto de Shaw também está presente no nome escolhido para a peça: na mitologia, Pigmalião é o nome de um escultor que se apaixona pela estátua que havia criado. Apesar de não estar interessado por mulheres naquele momento, ele se sente cada vez mais atraído por aquela criatura, que considerava ser sua obra-prima. Pigmalião pede, então, à deusa Afrodite que o ajude a encontrar uma mulher semelhante àquela figura. Não encontrando uma mulher parecida com a que Pigmalião esculpira, a deusa atende ao seu pedido, transformando a estátua numa mulher de carne e osso. Entretanto Shaw talvez se perguntasse por que os homens teriam o direito de “esculpir” a mulher ideal que cumprisse todos os seus desejos, sendo, além de perfeita aos seus olhos, a ele submissa e até agradecida por ter-lhe dado a vida. E essa mesma pergunta pode ter sido respondida pelo próprio Shaw quando Eliza, a antiga vendedora de flores, que agora tem meios para se passar por uma duquesa,

<sup>4</sup> Tradução nossa.

<sup>5</sup> Henrik Ibsen (1828-1906): principal representante da literatura escandinava no século XIX, apelidado de pai do teatro moderno, criador do chamado “teatro de ideias”, sua obra se caracteriza pelo estudo psicológico dos personagens (em especial os femininos), pela crítica à burguesia e ao capitalismo e pelo encontro do indivíduo com a sociedade.

nunca deixa claro se voltará ou não. Aqui Shaw mostra a realização do objetivo maior do movimento feminista: Eliza, a criatura, se liberta completamente do seu criador e mostra que pode seguir em frente e sobreviver sozinha.

As semelhanças e questões aqui citadas e muitas outras abordagens que porventura aparecerão na obra analisada nos levam a confirmar, portanto, que o autor vai constituir um ponto de convergência de múltiplos ideais que o acompanham, e esses ideais vão acabar formando suas opiniões, comportamentos e inúmeras outras saídas para tudo aquilo que contribuiu para sua formação como um indivíduo social. Entretanto seu texto será lido por membros que podem ou não compartilhar de suas visões e de seus ideais e, por isso, pode-se dizer que a interpretação também representa o ponto de convergência do leitor em relação a tudo o que contribuiu para que ele percorresse determinado caminho nesse processo.

### *O papel do leitor*

Este trabalho tem ainda a intenção de ressaltar a importância das vivências do leitor no processo de materialização do texto, uma vez que ele poderá proceder à leitura de um texto de uma forma descentralizada, ou seja, pegando pontos da obra que não necessariamente são centrais a partir de experiências que se comunicaram e se comunicam com ele no percurso de sua existência. O leitor ultrapassa a superficialidade do texto e vai buscar a complementação para os hiatos deixados pelo autor em sua biblioteca de conhecimentos, que vai sendo modelada a partir da absorção e da transformação de outros conhecimentos. Assim, o texto vai-se moldando e respondendo de maneira diferenciada aos diversos tipos de leitores que nele decidem imergir, como confirma Zilberman:

O caráter liberador do fato literário explica a mutabilidade da história literária, porque a cada texto competirá oferecer indagações novas e inquietantes aos públicos diferentes que aparecerem. Assim como os consumidores não são fixos, nem estáticos, a obra literária não é inalterável. A flexibilidade de cada texto decorre de sua habilidade em responder de modo distinto a cada leitor ou aos segmentos variados de público; decorre igualmente da propriedade de o destinatário intervir na obra. (ZILBERMAN, 2001, p. 91)

Como uma única obra pode ter sido usada para incorporar uma infinidade de discursos com sua reescrita intertextual, o texto escolhido como objeto de estudo deste trabalho pode provar que a obra de Bernard Shaw não envolve um fechamento, e sim uma abertura a várias possibilidades de perpetuação, não sendo, dessa forma, somente a obra a única detentora do poder da interpretação, mas também todos os outros textos que o leitor/intérprete trará para esse processo. Sendo assim, em *Pigmaleão*, o processo de interpretação pode estar socialmente marcado em duplo sentido.

Primeiramente, ele pode estar marcado pelos recursos de que seus leitores dispõem para entrar nele. Entendendo recursos como as normas, as estruturas e as convenções sociais que são internalizadas pelo leitor durante sua formação, ele pode, por exemplo, aceitar ou criticar o comportamento do Professor Higgins quando trata Eliza como um objeto de pesquisa, como se pode observar no seguinte fragmento:

Pickering: (*Censura bem-humorada.*) Já lhe ocorreu, meu caro Higgins, que a moça pode ter sentimentos?  
Higgins: (*Examinado-a criticamente.*) Não acho. Pelo menos nenhum sentimento que tenhamos de levar em consideração. (*Alegremente.*) Não é verdade, Eliza?  
Liza: Sô ingual a tudo mundo. (SHAW, 2011, p. 46)

Em segundo lugar, a interpretação pode também estar pautada pela natureza da prática social da qual ela faz parte, apontando qual elemento dos recursos disponíveis para o leitor serão evidenciados e como essa evidência será validada ou enfraquecida. Em *Pigmaleão*, por exemplo, uma questão bastante salientada é o fato de se tratar a língua como um instrumento de aceitação ou de exclusão em determinadas camadas sociais da Inglaterra. Enquanto Eliza falasse o *cockney*, ela continuaria nas ruas de Londres, sendo uma vendedora de flores, mas, após as aulas do professor Higgins, quando ela se torna capaz de falar o inglês aceito pela classe social dominante, ela é considerada uma princesa estrangeira pelos convidados de um baile da Embaixada.

Esse trecho da história pode ser visto com certo ar irônico, pois a mesma classe social que privilegia certa modalidade de língua confunde Eliza com uma estrangeira por ela saber fazer uso dessa modalidade que, ao mesmo tempo em que é exigida pelos membros da classe social mais favorecida, soa artificial para eles, pois, ao ser usada com o cumprimento de todas as regras, se distancia de uma língua nativa, uma vez que, em geral, um nativo não se vale do uso das regras da norma culta ao falar a língua em sua cotidianidade.

Outro ponto relevante na obra em questão é o comportamento apresentado pelos representantes da alta sociedade: o professor Higgins e a senhora Eynsford Hill. De um lado, o professor é um homem de posses e bem instruído, mas é rude e se comporta, ao ver de muitos leitores, grosseiramente. De outro lado, a senhora Eynsford Hill já não possui mais riquezas, mas continua tomando chá nas casas de famílias abastadas e fingindo ser rica para manter o *status* e as aparências.

Esses dois personagens contrastantes podem suscitar no leitor reações diversas, dependendo de sua posição social e de sua visão de mundo, ou seja, de como ele responde aos questionamentos levantados e de como ele vai intervir na obra, como acrescenta Fish:

(...) o sentido (do texto) constitui um evento, processo que ocorre durante a leitura, subordinado às transformações por que passam as operações mentais do leitor. O texto confunde-se à experiência

que proporciona e à que o leitor carrega consigo, perdendo todo o distanciamento. (FISH apud ZILBERMAN, op. cit. p. 97)

Um personagem que também vale ser lembrado e que pode provocar reações de concordância ou de discordância no leitor é o pai de Eliza, o senhor Doolittle, que, apesar de ser uma pessoa de baixa escolaridade, apresenta uma percepção do mundo ao seu redor muito inteligente e sabe expor sua opinião com bastante segurança sobre as necessidades das diferentes classes sociais, como se pode observar no trecho que segue:

**Doolittle:** Peraí, coronér. Num encara irso ansim. Qüi é qüi eu sô, partrãos meus? (...) um poubre disfavorecido di Deus sim era nim bera. Voças incelências já pensaro nu qüi irso qué dizê? Qué dize qüi a gente tá nadano di contra a mouralidade da crasse mérdia u tempo intero (...). Mais minhas nicissidade é anté maió du qüi a dersas viúva muito farvorecidas qüi recebi seis pensãos diferente peula morte du mesmu marido. Num careço u mesmo dum cidadão favorecido; careço ante mais. (...) Simprificano: ningüém num mi coubramenus pur coisa nenhuma só prunque eu sô pobre disfavorecido. (SHAW, op. cit., p. 66)

Observa-se, pois, que Shaw tenta estimular seu público a se identificar com cada personagem da peça (e, através dos personagens, com os assuntos abordados), alternando entre um ponto de vista e outro, entre uma classe social e outra, entre um gênero e outro. No entanto, é no leitor que se encontram os verdadeiros sentidos de um texto e, dessa forma, ele “se equipara ao autor, até então detentor único dos direitos sobre a criação artística; e, quando isso acontece, faculta-se a permissividade, e o leitor pode intervir, invadindo o que lhe estava vetado” (ZILBERMAN, op. cit., p.103).

### ***A historicidade da peça Pigmaleão***

*Pigmaleão*, apesar de ter sido escrita há um século, é uma peça que ainda tem sido lida e exibida em diversas partes do mundo e, além disso, tem sido submetida a diversas adaptações tanto para os palcos, quanto para as telas, sendo possível até encontrar intervenções que vão de encontro às próprias sugestões de Shaw.

Este trabalho tem também a intenção de mostrar o possível motivo pelo qual leitores, ainda atualmente, se rendem aos resultados dessa peça. É provável que a resposta esteja em Eliza, uma mulher que é capaz de sair da posição de oprimida tanto por seu gênero, quanto por sua classe social, para uma posição de liberdade tanto econômica, quanto pessoal. Observa-se aqui uma preocupação de Shaw em denunciar a posição da mulher em um período em que tantas injustiças sociais aconteciam ao mesmo tempo na Europa, mas, apesar de uma grande distância temporal que separa os dias atuais da



escrita dessa obra, percebe-se que, ainda hoje, a mulher vive sob uma falsa igualdade entre mulheres e homens e sob diversas modalidades de discriminação.

Outro ponto importante que traz a obra para a atualidade é a questão linguística nela abordada. Com o poder das palavras, o Professor Higgins é capaz de transformar Eliza e ensiná-la a se portar como uma dama da alta sociedade. Atualmente cerca de meio milhão de pessoas falam inglês como segunda língua e muitas outras pessoas estão em processo de aprendizagem do idioma como língua estrangeira. O conhecimento do inglês pode significar a diferença entre ter ou não um emprego e, assim como Eliza, milhares ou até milhões de pessoas são excluídas do mercado de trabalho porque não falam determinado idioma como “deveriam”. Até mesmo hoje, personagens com “sotaques engraçados” são vistos nos palcos e nas telas e, embora não exista nada errado com o fato de o espectador querer se divertir um pouco, o fato é que eles aludem a uma realidade não muito confortável: o sotaque pode fazer uma grande diferença.

Shaw abordou esse tema há um século, quando o Império Britânico estava em alta e pessoas de diversas partes do mundo eram até forçadas a se comunicar em inglês, causando, por muitas vezes, um caos na interação discursiva. Ele queria fazer as pessoas refletirem sobre os problemas causados pela língua e como a língua pode separar as pessoas de diferentes lugares e de diferentes classes, ou como é confirmado por ele: “A peça *Pigmaleão* é, basicamente, o problema da marginalização de pessoas que, dentro de uma comunidade, fariam outra língua – isto é, uma língua tida por ignorante, rude –, o que lhes impede o acesso social” (SHAW, op. cit., p. 16). Entretanto toda essa abordagem sobre a língua é só o começo, pois Shaw a utiliza como base para discutir outros assuntos: hipocrisia da sociedade e discriminações sociais pela classe e pelo gênero, questões que indubitavelmente se mostram presentes em nossos dias.

Pierre Lévy nos mostra que “um ato de leitura é uma atualização das significações de um texto, atualização e não realização, já que a interpretação comporta uma parte não eliminável de criação” (LÉVY, 2006, p. 24) e, mais adiante, salienta que “um pensamento se atualiza no texto e um texto numa leitura (numa interpretação)” (ibid., p. 25). Independentemente das intenções do autor, o leitor é quem vai construir a significação do texto e incorporá-lo ao contexto em que se encontra, ou seja, o texto só ultrapassa o espaço temporal se nele ainda se encontrarem unidades que façam sentido para o pensamento do leitor:

Do texto, propriamente, em breve nada mais resta. No melhor dos casos, teremos, graças a ele, dado um retoque em nossos modelos de mundo. Talvez tenha servido apenas para pôr em ressonância algumas imagens, algumas palavras que já possuíamos. Eventualmente, teremos relacionado um de seus fragmentos, investido de uma intensidade especial, com determinada zona de nossa arquitetura mnemônica, um outro com determinado trecho de nossas redes intelectuais.” (ibid., p. 36)



Uma vez mais, o leitor aparece como elemento fundamental, pois é através dele e da ideologia que o constrói que os textos vão adquirir importância e significado, sendo, por conseguinte, a pessoa do leitor o local de exercício da vitalidade da literatura e o ponto de partida para a atualização e perpetuação da obra, uma vez que “a historicidade não decorre do fato de uma obra ter sido produzida numa certa data e sim, da circunstância de ainda ser lida e apreciada” (ZILBERMAN, op. cit., p. 88). Zilberman ainda acrescenta que “o leitor, responsável pelas atualizações contínuas, não é entendido enquanto um indivíduo particular, dotado de idiosincrasias e gosto pessoal, e sim corresponde a uma generalidade coletiva, definida desde o horizonte de resposta dado a certo texto” (id.).

### *Considerações finais*

*Pigmaleão*, como muitas das peças de Bernard Shaw, é considerada uma obra didática, isto é, tem a intenção de ensinar alguma coisa à sua audiência, e talvez seja esse o ponto de partida para a explicação de tal trabalho ter alcançado tamanho sucesso e ter atravessado gerações.

Shaw parecia ter a intenção de não deixar seu público se sentir confortável no teatro, ou seja, ele queria fazer as pessoas pensarem e repensarem seus costumes e seus comportamentos, fazendo com que as pessoas que assistiam às suas peças aumentassem seus conhecimentos sobre si mesmas e sobre o outro. Dessa forma, ele demonstra uma reserva quanto às personagens estereotipadas com ar de cinderelas que viverão felizes para sempre e, se é possível a comparação, usa o humor (melhor dizendo, um humor bastante crítico) na passagem em que Higgins e Pickering estão celebrando o sucesso de seu projeto sem se dar conta de que Eliza foi uma peça fundamental para que aquilo acontecesse. Ela, então, em um momento de fúria, chega a arremessar os chinelos de Higgins contra ele. Parece que Shaw tenta dizer que sua Cinderela (Eliza), apesar de ter virado princesa, não se esquece do sapatinho (ou melhor, do chinelo) e o utiliza como arma, não para casar com o príncipe encantado, mas para se fazer presente, para aparecer e para mostrar que ela também é importante.

Para Shaw, o artista se revela um ser que conta a verdade na medida em que a realidade por ele contada envolve uma rejeição de muita coisa que a sociedade vê. Sendo que, para a sociedade, muitas vezes, a obra pode parecer um exagero, uma distorção ou até uma mentira. Entretanto, mesmo correndo esse risco de parecer alguém que distorce, exagera ou até mente, Shaw segue acreditando que o artista deve trabalhar a realidade, provocar seus leitores e abandonar propostas de imitação em que se escolhe, na verdade, imitar o irreal, isto é, o idealista.

O leitor de Bernard Shaw, com certeza, não é um leitor passivo, pois Shaw mostra que ao artista cabe um ato provocador de guerrear obras imorais (imoral aqui tem o sentido

de ir contra a visão moralista que faz julgamentos segundo critérios próprios) que levem a uma reforma constante dos costumes e dos olhares de determinada sociedade.

Dessa forma, ao partir do pressuposto de que um texto só se concretiza por completo com a intervenção do leitor, no sentido de que ele, além de buscar significados no texto, vai também lhe conferir significados, vê-se que uma obra pode ser considerada infinita em suas diferentes leituras, dependendo dos critérios (sociais, culturais, contextuais) que perpassam a visão de mundo desse leitor. Será, portanto, tarefa do leitor o preenchimento dos “vazios” na realização da leitura, tornando cada recepção singular de acordo com seu horizonte de expectativas e concebendo sentidos distintos. Essas marcas que apontam para um “texto inacabado” estão latentes, esperando por um leitor que as complemente com seus olhares e suas compreensões particulares.

Este trabalho buscou trazer à tona as diferentes aberturas fornecidas pelo texto de Shaw, refletindo sobre as hipóteses de trabalho do leitor ao tentar conferir significações e sentidos a ele. Entretanto, é conveniente ressaltar que, embora o texto possa apresentar uma variedade de sentidos possíveis de acordo com as particularidades de cada leitor, as leituras diversas também se encontram dentro de certos limites, sendo também tarefa do leitor identificar essas fronteiras. Deve-se atentar, pois, para o fato de que, apesar de poderem existir sentidos diferenciados atribuídos a uma mesma obra, o leitor não deve assumir uma postura autoritária e sim mostrar sensibilidade ao perceber as marcas que denotam as limitações do texto.

A aceção de que o texto ganha significado e se concretiza com as interpretações do receptor – e não mais apenas pelas deliberações do autor, mas por todo o bloco de mediações que se instauram entre o texto e o leitor – traz o leitor para uma posição ativa em relação à obra e ao autor, conferindo-lhe um papel também de protagonista das cenas que se abrem durante os caminhos percorridos em busca da compreensão.

### *Referências*

- BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- CALVET, Louis-Jean. *Sociolinguística*. Uma introdução crítica. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.
- FOUCAULT, Michel. *Estética: literatura e pintura, música e cinema*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009. (Coleção Ditos & Escritos, v.3).
- FAIRCLOUGH, Norman. *Discourse and social change*. Cambridge: Polity Press, 2006.
- GOLDBERG, Michael. *Shaw's Pygmalion: the reworking of great expectations* [Internet]. Pennsylvania: Penn State University Press, 1979. Disponível em <<http://www.jstor.org/discover/10.2307/40682578?uid=3737664&uid=2&uid=4&sid=21101120608327>>. Acesso em: 3 jul. 2012.
- LÉVY, Pierre. *O que é o virtual?* São Paulo: Editora 34, 2006.

McGOVERN, D. J. *Eliza undermined: the romanticisation of Shaw's Pygmalion*. 2011. 431 f. Tese (Doutorado em Philosophy in English) – Massey University, Turitea Campus, New Zealand, 2011. Disponível em: <[http://mro.massey.ac.nz/bitstream/handle/10179/2414/02\\_whole.pdf?sequence=1](http://mro.massey.ac.nz/bitstream/handle/10179/2414/02_whole.pdf?sequence=1)>. Acesso em: 24 jul. 2012.

SHAW, G. B. *Pigmaleão*. Trad. Millôr Fernandes. Porto Alegre: L&PM, 2011.

\_\_\_\_\_. *Pygmalion*. Disponível em: <[http://www.gutenberg.org/catalog/world/readfile?fk\\_files=1453622](http://www.gutenberg.org/catalog/world/readfile?fk_files=1453622)>. Acesso em: 30 jun. 2012.

ZILBERMAN, Regina. *Fim do livro, fim dos leitores?* São Paulo: Senac, 2001.

*Artigo recebido em: 23 set. 2013*

*Aceito para publicação em: 24 nov. 2014*